

ENTRE O REAL E O INVENTADO: O Conceito de Ficção a Partir de Hayden White e Ivan Jablonka

BETWEEN REAL AND INVENTED: The Concept of Fiction According to Hayden White and Ivan Jablonka

Edmo Videira Neto¹
Julia Ferrarezi Petrato²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender de quais maneiras dois intelectuais definem o conceito de ficção em suas obras, sendo eles, Hayden White e Ivan Jablonka. Partindo da concepção de que ambos tensionam os limites disciplinares da história utilizando, para isso, a discussão a respeito das aproximações entre a história e a literatura, buscamos analisar de quais formas esses historiadores partem de lugares epistêmicos distintos para a elaboração conceitual dessa definição de ficção.

Palavras-chave: Hayden White; Ivan Jablonka; Ficção.

Abstract: This paper aims to understand how two intellectuals, Hayden White and Ivan Jablonka, define the concept of fiction in their works. Starting from the premise that both strain the disciplinary boundaries of history through the discussion of the convergences between history and literature, we seek to analyze how these historians proceed from different epistemic standpoints for the conceptual elaboration of this definition.

Keywords: Hayden White, Ivan Jablonka, Fiction.

Introdução

Em seu livro *Compreender os outros: povos, animais, passados*, Dominick LaCapra nos apresenta a seguinte visão de Ivan Jablonka sobre a virada linguística ao dizer que francês a interpretava como “um zumbido assustador, mesmo que espectral” (LaCapra, 2023, p. 213). O curioso é percebemos que Jablonka, um historiador preocupado com as aproximações entre história e literatura bem como com a dimensão escrita e narrativa do trabalho historiográfico tenha assumido essa relutância e distância com relação à guinada linguística. E em nossa visão, essa postura do historiador francês pode ser compreendida na própria maneira em que ele trata Hayden White, entendido como o maior representante desse movimento que redefiniu a bases intelectuais da história e das ciências humanas. Na visão de Jablonka, White é “estranhamente tomado como exemplar do monstro compósito PoMo [pós-modernista] da guinada linguística” (LaCapra, 2023, p. 212). Sendo assim, o estadunidense é mais uma vez descrito como o sujeito pós-moderno que buscou implodir a realidade ou mesmo os fundamentos

¹ Edmo Videira Neto, doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Professor efetivo na Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7962111835957343>. E-mail: edmo.videira@gmail.com.

² Julia Ferrarezi Petrato, mestranda em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6704390734337000>. E-mail: juliaferrarezipetrato@gmail.com.

científicos da disciplina histórica. Essa posição de Jablonka perante White e o giro linguístico que foi bem demonstrada por LaCapra nos despertou questionamentos sobre como um historiador bastante aberto às discussões entre história, literatura e narrativa poderia assumir uma postura tão conservadora frente a esses dois outros temas. E foi a partir dessa dúvida, de uma inquietação, que este texto começou a ser pensado e, principalmente, a partir do seguinte questionamento que tensiona os debates que iremos apresentar: de quais formas Hayden White e Ivan Jablonka compreendem o conceito de ficção e qual a relação entre esse conceito e o processo de representação do passado? Entendemos que, se existe essa tensão entre Jablonka e White, sendo o primeiro reconhecido como um dos autores que mais tensiona os limites disciplinares na historiografia francesa contemporânea e o último compreendido como o representante máximo do giro linguístico, ela é baseada na concepção de ficção distinta entre ambos. Por isso, temos como objetivo perpassarmos por essa conceituação no trabalho dos dois autores, sendo fundamental entendermos o que eles compreendem quando utilizam a ideia de ficção. Nossa hipótese é que existe uma ideia distinta entre esses autores sobre ficção e, principalmente, o que White compreendia como ficção não foi muito bem delimitado e, mais do que isso, o que ele externou foi mal interpretado por outros autores.

Invenção, controle e possibilidade: as ficções em Hayden White

As discussões sobre a narrativa e o ato de se escrever histórias ao representar o passado vem tensionado a disciplina histórica desde que Hayden White publicou sua obra *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, em 1973. Intencionalmente, ou não, essa obra promoveu uma série de debates na historiografia sobre narrativa, elaborações de enredo, representação do passado, história e literatura e o papel do historiador quando oferece para os leitores interpretações sobre um determinado evento histórico. Sendo assim, White se estabeleceu como um dos expoentes do chamado giro linguístico que, mesmo estabelecendo debates acalorados sobre os temas citados, movendo críticos e defensores de ambos os lados, precisa ser considerado como um evento decisivo para a história intelectual recente (Araújo; Rangel, 2015, p. 319). Dentre as várias questões envolvendo White e a chamada virada linguística, uma delas precisa ser destacada e se apresenta como foco de nossas discussões: a relação entre história e ficção. Em nossa visão, nessa diferenciação entre esses dois conceitos reside o principal elemento de crítica à White e a outros teóricos considerados narrativistas, pós-modernos, ou seja, lá qual adjetivo se queira usar para caracterizar sujeitos que, potencialmente, estariam esvaziando

o solo realista da disciplina histórica. O que pouco se fez ou se considerou até agora foi justamente em que consiste a ideia de ficção para o autor estadunidense e qual a sua relação com a disciplina histórica e o processo de representação do passado. Portanto, se White é tido por muitos como a personificação daquilo que uma pesquisa histórica deveria rejeitar, (Avelar, 2018, p. 45) e se sua obra desperta a ira de muitos, a admiração de outros tantos e é compreendida por visões mais conservadoras como a demolição de estruturas disciplinas historicamente construídas desde o século XIX, precisamos nos questionar: o que significa o conceito de ficção na obra de White?

Responder esse questionamento não é tarefa fácil, visto que o autor estadunidense permaneceu ativo intelectualmente por mais de cinquenta anos, deixando para nós um rico espólio intelectual. Entretanto, não podemos abrir mão dessa tarefa pois nossa hipótese é que existe uma incompreensão, muitas vezes por culpa do próprio White, do significado de ficção em sua obra. Portanto, para tentarmos sistematizar esse conceito, perpassaremos por momentos e obras que são chaves em sua trajetória e que, de alguma maneira, apresentam a definição de ficção: o já citado *Meta-história*, de 1973, o ensaio *O texto histórico como artefato literário*, de 1974 e *The Practical Past*, sua última obra publicada em 2014. Obviamente, nos anos que separam essas obras White continuou trabalhando com a ideia de ficção, entretanto, para efeitos práticos de enredamento, escolhemos esses três momentos porque os compreendemos como representantes de pontos decisivos no debate entre história e ficção e, principalmente, como trabalhos fundamentais na construção da imagem de White perante a comunidade historiadora. Como forma de sistematização, lançaremos mão de três categorias de ficção na obra de White que o leitor perceberá ao longo do texto, sendo elas: ficção como invenção, ficção controlada e ficção como possibilidade criativa. Iniciaremos com o mais polêmico desses textos e com a ficção como invenção.

Em *O texto histórico como artefato literário*, ensaio presente no livro *Trópicos do discurso*, White nos apresenta uma citação que até hoje desperta uma vasta gama de sentimentos nos historiadores: “mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos” (White, 2014, p. 98). Em nossa visão, essa definição de narrativas históricas como ficções verbais foi aquilo que ajudou a pavimentar o caminho de White e as interpretações dele enquanto um relativista absoluto ou alguém que não reconhece diferenças entre fato e ficção, verdade e mentira, binômios esses que precisam ser rediscutidos. Assim, ao caracterizar histórias como ficções verbais, White despertou uma série de sentimentos e afetos em

historiadores: raiva, ira, apreensão, inquietação, dúvida. O ponto é que, de fato, em 1974 quando publicou esse ensaio, White não estabeleceu com clareza o que compreendia com o conceito de ficção. Para leitores que se defrontaram apenas com esse texto, parece nítido a ideia de que o historiador tanto descobre quanto inventa o passado, e a conclusão óbvia disso é que, para o estadunidense, representações do passado conteriam esse processo inventivo.

O que talvez White não tenha deixado claro e que, provavelmente gerou toda a confusão posterior, foi o que compreendia por ficção enquanto invenção. E aqui temos o primeiro ponto de contato que apresentaremos em nosso texto sobre a ideia de ficção em White. Acreditamos que a ideia de invenção despertou em seus leitores a sensação de que esse conceito estaria associado à livre escolha de passado sem o respeito a nenhuma norma, ética, política ou compromisso com os eventos pretéritos. Assim, muitos anos depois, White reconheceu que em artigos anteriores não esclareceu aos seus leitores o que estava entendendo por ficção, que era compreendida como “um tipo de invenção ou construção baseada em hipóteses, em vez de uma forma de escrever ou pensar focada puramente em entidades imaginárias ou fantásticas” (White, 2014, p. XII). Em seu *The Practical Past*, quarenta anos depois da citação que despertou a ira dos historiadores, o estadunidense apontaria para essa noção de ficção como invenção, ideia essa que estaria associada à construção de hipóteses. Portanto, parte dos debates e disputas em torno das teorias whiteanas ocorreram justamente pela falta de definições bem delimitadas dos conceitos apresentados por esse autor, algo característico de sua forma de escrita e que não deve ser compreendida como uma falha, mas sim, enquanto um estilo.

E nossa visão, essa formulação de ficção elaborada por White em *O texto histórico como artefato literário* foi a que moldou a compreensão do termo por esse autor por parte de outros historiadores ao longo dos anos, como fica claro, por exemplo, ao observarmos a interpretação oferecida por Enzo Traverso quando diz que “o erro de White consiste em confundir a narração histórica (a construção da história por um relato) com a ficção histórica (a invenção literária do passado)” (Traverso, 2017, p. 117). Aqui, o historiador italiano continua operando na distinção entre uma narração histórica baseada em um relato fidedigno do passado e uma ficção histórica que seria baseada em invenções. O ponto central é que invenção para White, não significaria mentira, devaneio, ou pura fantasia desprendida da realidade, mas sim, o processo de conjecturar, imaginar construtivamente, fantasiar criativamente e construir hipótese sobre o passado ou sobre o que aconteceu em determinado tempo e lugar. E é justamente essa interpretação dual desses conceitos na obra de White que levaram a críticas como a de Traverso. Ao não

considerar a possibilidade da existência mútua de ficção como invenção literária e representação historiográfica do passado, esse historiador como vários outros limitariam as possibilidades de enredamento e representação de eventos históricos. Assim, a primeira noção de ficção que observamos na obra de White faz referência a um processo de inventar, mas não baseado em dizer o que bem entender, e sim, estabelecido a partir de compromissos que recortam o próprio ofício do historiador e que são, em grande medida, compromissos éticos assumidos com o próprio objetivo da escrita e representação. Assumir a importância do processo de invenção de passados é considerar que, se não conseguimos contar o passado como ele realmente foi, como se acreditou por muito tempo graças à ideia moderna de história vitoriosa e construída pelo século XIX, o historiador precisaria lançar mão desse processo imaginativo para criar hipóteses ao representar um passado que ele não consegue acessar diretamente.

Antes de avançarmos temporalmente no conceito de ficção na obra de White, precisamos retroceder um pouco em sua produção intelectual, mais precisamente, um ano antes das discussões que abordamos até agora. Em 1973, com a publicação de *Meta-história*, uma série de debates surgiram sobre elaborações de enredo, tropos na escrita histórica e implicações ideológicas do conhecimento histórico, elementos esses que estavam presentes já na introdução da obra. Entretanto, o destaque ficou por conta das elaborações de enredo, ou seja, se todo processo narrativo partiria dessa premissa, o que diferenciaria a história da literatura, por exemplo? Se toda escrita narrativa era construção de enredos, como o historiador poderia delimitar seu campo de estudos sendo que o escritor literário também realizaria o mesmo processo de enredar eventos? Sobre esse ponto, White nos diria que:

Ao contrário de ficções literárias como o romance, as obras históricas são feitas de acontecimentos que existem fora da consciência do escritor. Os acontecimentos relatados num romance podem ser inventados de um modo que não podem ser (ou não devem ser) inventados numa história (White, 2019, p. 21).

Aqui, percebemos uma outra ideia de ficção, que pode ser compreendida como ficção controlada, uma vez que diferentemente do escritor literário, o historiador não poderia inventar ou ficcionalizar como este primeiro, pois seus acontecimentos existem fora de sua consciência, ou seja, ele possui um compromisso ético com aquilo que aconteceu no passado. Portanto, aquilo que denominamos de ficção controlada nesse momento da trajetória de White seria esse processo de não invenção dos acontecimentos, se transformando em algo próprio apenas dos escritores literários. Mas porque a noção de invenção em *Meta-história* e em *O texto histórico como artefato literário* assumem

conceituações diferentes? Para nós, em 1973 White estava falando de invenção de eventos, acontecimentos, e, um ano depois, em invenção narrativa, no processo de construção verbal. E aqui reside a principal diferença entre a ficção como invenção e a ficção controlada: se o historiador possui autonomia para inventar no sentido de criar hipóteses narrativas sobre o que possivelmente aconteceu em determinado lugar, ele não possuiria essa alternativa para inventar acontecimentos ou eventos históricos. Em certa medida, o que White está apresentando é que o evento ocorreu, o acontecimento está documentado logo, não pode ser inventado ou ficcionalizado. Entretanto, o como enredar e narrar esses acontecimentos ainda é um processo aberto, repleto de disputas políticas e sociais e passível da invenção criativa e da ficcionalização.

Para além dessas questões, essa nota de rodapé presente em *Meta-história* destacada por nós já serviria para “livrar” White das acusações de antireferencialista ou relativista completo. Contudo, diversos críticos, tais como Roger Chartier, parecem não ter se atentado para essa passagem. De acordo com o historiador francês, “Hayden White faz-se o arauto de um relativismo absoluto (e muito perigoso) que denega toda possibilidade de estabelecer um saber científico sobre o passado” (Chartier, 2002, p. 110). Essa crítica, dentre várias outras, coloca White na posição de relativista absoluto justamente por, supostamente, o estadunidense atribuir à representação do passado o processo de ficcionalização, aproximando a historiografia da literatura. Entretanto, o que Chartier desconsidera é que White jamais negou a possibilidade ou a existência de eventos e passados históricos, mas sim, considerou que somente sua existência não basta, sendo necessário ao historiador enredar esses eventos, transformá-los em uma narrativa sobre o passado e, para realizar essa tarefa, ele poderia lançar mão da ficcionalização verbal no intuito de criar hipóteses. Assim, o que chamamos de ficção controlada na obra de White, limitaria o historiador em seu ofício uma vez que ele não poderia inventar eventos ou acontecimento passados, até mesmo por conta de seu compromisso ético e político com esses passados. Todavia, após superar esse primeiro processo, a ficção e a invenção seriam recursos indispensáveis na construção de hipóteses e na criação de representações responsáveis do passado.

Avancemos agora quarenta anos dentro da produção intelectual whiteana para compreendermos o que o autor percebe enquanto ficção. Como ressaltamos anteriormente, nossa escolha por esses três momentos não inviabiliza a percepção de ficção no espaço temporal entre eles, mas sim, nos fornecem a possibilidade de identificarmos o que mudou e o que permaneceu no pensamento desse autor. Em seu *The Practical Past*, publicado em 2014, White finalmente definiria de forma clara o que

entende por ficção: “Por ficção, refiro-me a uma construção ou conjectura sobre “o que possivelmente aconteceu” ou pode acontecer em algum momento e lugar, no presente, no passado ou mesmo no futuro” (White, 2014, p. X). Aqui, percebemos a ideia de ficção como uma possibilidade criativa. Se anteriormente esse conceito se referia à invenção associada à narrativa e a um controle do que poderia ser ficcionalizado, agora a ficção se apresenta como criação, como a possibilidade de imaginarmos e construirmos ideias e hipóteses. Essa dimensão de ficção seria importante para o historiador uma vez que imaginar o que pode ter acontecido é uma das tarefas centrais da operação historiográfica. Assim, White apresentaria para nós que ficcionalizar é criar hipóteses, não só a partir da invenção, como demonstramos anteriormente com a interpretação de *O texto histórico como artefato literário*, mas também a partir dos eventos que teriam ocorrido em determinado passado. A ideia de ficção como possibilidade permite ao trabalho histórico conjecturar sobre passado, presente e futuro e, mais do que isso, mobilizar essas temporalidades para a compreensão de um determinado evento ou estrutura.

Sobre essas questões, LaCapra nos diria que “a ficção não pode ser puramente fictícia” (LaCapra, 2023, p.199) ou seja, não bastaria ficcionalizar com a simples intenção de inventar alguém dado ou evento, mas sim, deveria “oferecer uma perspectiva imaginativa ou mesmo uma leitura sobre eventos e processos históricos, que pode ser comparada com e oferecer sugestões ou mesmo hipóteses para a pesquisa histórica” (LaCapra, 2023, p.199). Retornamos mais uma vez à questão da ficção como criadora de hipóteses, mas dessa vez com uma nova roupagem: se na primeira conceituação a hipótese estava relacionada à invenção, agora ela se estabelece em diálogo com eventos e acontecimentos do passado. Por isso, acreditamos que ao final de sua trajetória intelectual, White conseguiu definir com maior clareza uma questão que o perseguiu ao longo de décadas, a saber, o que ele compreendia como ficção e qual a relação desse conceito com a representação do passado. Concordamos então com LaCapra e percebemos que a ficção de White atua em uma direção parecida, principalmente por possibilitar a dimensão imaginativa, ou seja, como não conseguimos acessar o passado, nos resta imaginar, ou ficcionalizar com a intenção de construirmos hipóteses plausíveis para eventos históricos. Tal atividade é inerente ao trabalho histórico e recorrente no processo de representação do passado. Conscientemente ou não, historiadores lançam hipóteses cotidianamente e esse processo era compreendido por White como ficcionalizar, imaginar uma possibilidade, construir fantasticamente o território do “se”, do “talvez”, da “dúvida” construtiva.

Em nossa visão, várias das críticas direcionadas a White e sua obra versavam justamente sobre a questão da ficção e, principalmente, das aproximações que esse autor estabelecia entre história e literatura. E de fato, em sua fortuna crítica, história e literatura compartilham de um arcabouço operacional bastante semelhante ao utilizarem enredamento, narrativa e ficcionalização. Todavia, existiria na disciplina histórica o impeditivo ressaltado por White em *Meta-história* e que destacamos anteriormente sobre a existência real dos eventos narrados fora da consciência do historiador. Entretanto, essa diferença entre eventos narrados e representados pela literatura e pela história, não excluiria dessa segunda narrativa a dimensão ficcionalizante. A grande questão que talvez tenha passado despercebido para críticos de White, inclusive para Jablonka, como veremos mais adiante, é que a literatura não é um apêndice ou auxiliar da história, mas sim um campo próprio de produção de conhecimento. E mais do que isso, se literatura e história compartilham processos e operações semelhantes, a produção de uma ficção como possibilidade criativa estaria presente em qualquer tentativa de narrar o passado, mesmo que o historiador não compreenda ou negue esse artifício. Portanto, o que legitima e constrói a teoria de White e sua ideia de ficção é a sua percepção de que enredar, narrar e ficcionalizar são atividades inseparáveis, presentes desde o começo do processo de pesquisa, tanto para historiadores quanto para escritores literários, se diferenciando, é claro, os eventos e formas narradas.

Se a concepção de ficção em White é fluida e pode ser mapeada a partir de três momentos ou tipos ideais como destacamos acima, chegou o momento de olharmos para um outro autor que trabalha com esse conceito e que diversas vezes, se posiciona de forma contrária às ideias whiteanas de ficção. Vamos então, para Ivan Jablonka.

A história como literatura: as ficções do método em Ivan Jablonka

Como vimos anteriormente, as discussões a respeito das fronteiras entre a história e a literatura reteronaram com maior fôlego após as publicações de Hayden White na acalorada virada linguística. Embora seu protagonismo tenha marcado as discussões teóricas nas décadas seguintes, as tensões permanecem vigentes até os dias atuais. Nesse contexto, a obra de Ivan Jablonka se apresenta como uma das propostas de renovação da escrita historiográfica. O caminho defendido pelo historiador francês é o de propor uma *história como literatura contemporânea*, reivindicando o uso da ficção como um mecanismo literário que pode ser incorporado ao método de escrita dos historiadores.

Compreender o conceito de ficção não é simples. Especialmente porque é preciso considerar o lugar epistêmico que se insere o autor escolhido. Para isso, faremos, brevemente, um levantamento sobre a sua trajetória intelectual. Ivan Jablonka é um historiador nascido em Paris, em 1973, cuja trajetória acadêmica possui elementos de uma formação tradicional francesa. Aluno do Henri IV, ingressando posteriormente na École Normale Supérieure, Jablonka se insere no meio acadêmico e se torna aluno de Alain Corbin e Jean-Noël Luc, seu orientador da tese de doutorado, publicada em 2004, *Les enfants de l'Assistance publique (1874-1939)*. Jablonka sempre desenvolveu questões a respeito da assistência pública e da infância ao longo de suas publicações, bem como é retratado em sua tese e em outras obras publicadas posteriormente. É importante destacar que apesar de não analisarmos essas obras de forma aprofundada no presente artigo, apresentá-las é um movimento fundamental para construir a trajetória intelectual do autor. Além disso, o tema da assistência social e da infância na França é um elemento importante que compõe uma de suas obras mais prestigiadas no campo da literatura: *Laëtitia ou la fin des hommes*, publicada em 2016, e agraciada pelos prêmios *Le Monde* e o *Médicis*. Atualmente, Jablonka é professor da Université Paris XIII, onde leciona a disciplina de História Contemporânea e orienta diversos trabalhos acadêmicos desde 2013.

Outras obras de Ivan Jablonka também desestabilizaram a fronteira da história e literatura, como é o caso do livro que conta a história de seus avós paternos, judeus comunistas, vítimas do holocausto que tiveram um trágico destino sendo assassinados em Auschwitz, em 1943. A obra *Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus: Une enquête* (2012) chama a atenção da crítica literária e da historiografia ao mesmo tempo, isso ocorre pois podemos perceber a união de uma pesquisa criteriosa em arquivos que recompõem o passado de seus familiares na mesma medida em que desenvolve uma narrativa que se desloca dos protocolos historiográficos tradicionais. A presença de uma narrativa não cronológica, que permite a participação do historiador no texto e que expõe seus próprios sentimentos ao compor a escrita da história de seus familiares, provoca questionamentos de natureza epistemológica para a disciplina. Em que medida é possível falar de um evento histórico que atravessou de forma brutal seus familiares? É possível escrever a história se distanciando do objeto pesquisado? São esses alguns dos tensionamentos provocados por Ivan Jablonka. O livro também foi agraciado por diversos prêmios como *Prix du Sénat du livre d'histoire*, o *Prix Augustin-Thierry* no *Rendez-vous de l'Histoire* e o *Prix Guizot* da *Académie Française* que marcam o reconhecimento disciplinar de suas obras.

Em ambas as obras, seja *Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus* ou *Laëtitia*, Jablonka tensiona os limites da escrita ao incorporar uma narrativa que possui elementos literários e afetivos. Essas experimentações são justificadas em seu livro teórico, publicado em 2014, cuja preocupação do historiador é conduzir a argumentação que sustente sua afirmação: a história é uma literatura contemporânea (Jablonka, 2020, p, 11). O livro *A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais* (2020), nos permite compreender de qual maneira Jablonka constrói sua teoria, bem como define conceitos fundamentais que cercam a interseção entre a história e a literatura há séculos. Nesse artigo, analisaremos de forma prioritária a abordagem do historiador francês a respeito do conceito de ficção.

Em *A história é uma literatura contemporânea*, o conceito de ficção é elaborado com maior fôlego no capítulo oito, denominado *As ficções do método*. Ao iniciar o capítulo, Jablonka imediatamente anuncia que a ficção “não é o verdadeiro, já que não existe, mas tampouco é o falso, já que não comporta qualquer intenção de enganar” (Jablonka, 2020, p. 243). Apesar da definição de ficção ser mutável ao longo do livro e ser considerada insuficiente para a escrita da história, Jablonka compreende a ficção de duas maneiras: intransitiva, entendida como desligada do real, e transitiva, que remete ao real, mas o reflete de maneira parcial. Embora o autor reconheça que muitos romances são mais bem escritos e por vezes mais explicativos sobre o passado que textos historiográficos tradicionais (Jablonka, 2017), também sustenta que a ficção romanesca por si só, não atende aos critérios do conhecimento histórico. Isso porque tal escrita literária é guiada por objetivos distintos da escrita historiográfica e, portanto, não seria capaz de explicar o raciocínio do real e tão pouco buscar por um passado mais verdadeiro. Cabe aqui nos questionarmos: existe uma ficção própria para o uso da historiografia?

Para Jablonka a resposta é sim. Ao construir as chamadas ficções do método, o historiador francês argumenta que há uma ficção própria da história que é capaz de conciliar um método investigativo aos usos estéticos e afetivos próprios da literatura. Dessa forma, define a ficção do método como

Constitutivas do raciocínio histórico, as ficções do método são, ao mesmo tempo, ficcionais, mais conceituais e mais indispensáveis do que a imaginação. Elas diferem da ficção romanesca em três pontos: elas se apresentam enquanto tais, ou seja, denunciam a si mesmas, elas só se distanciam do real para retornarem a ele com ainda mais força; elas não são lúdicas nem arbitrárias, mas, comandadas pelo raciocínio. Podem ser agrupadas em quatro famílias funcionais: o estranhamento, a plausibilidade, a conceptualização e o procedimento narrativo (Jablonka, 2020, p. 256)

As chamadas *ficções do método* constituem uma via de construção da “verdade”. Essa modalidade de ficção é caracterizada como um raciocínio estruturado a partir de mecanismos ficcionais assumidos, compreendidos como ferramentas cognitivas que formulam hipóteses sobre o real, as quais são posteriormente submetidas a um processo rigoroso de verificação factual. Trata-se, portanto, de uma operação intelectual que recorre à ficcionalidade como estratégia heurística no âmbito das ciências humanas. Ao indicar que as ficções do método “denunciam a si mesmas”, Jablonka quer dizer que elas devem ser anunciadas ao leitor. Essas construções hipotéticas se afastam momentaneamente do real na medida em que ainda não possuem comprovação. No entanto, quando essas hipóteses encontram respaldo nos vestígios do real, retornam a ele “com ainda mais força”, fortalecidas pela densidade interpretativa que adquiriram no processo. A concepção de estranhamento, significa a curiosidade, tornar o passado desconhecido e, portanto, pode ser articulada como meio para o raciocínio. A plausibilidade, caracterizada por aquilo que se torna possível, uma hipótese que resiste ao longo do tempo que se dispõe de diversos graus de verossimilhança, seria a enunciação não somente daquilo que aconteceu comprovadamente, mas daquilo que pode ter acontecido. A conceptualização corresponde à referência ao real e carrega a dimensão cognitiva do raciocínio histórico e, por fim, o procedimento narrativo que vem de um processo de escolhas tomadas na escrita historiográfica.

Em *O terceiro continente ou a literatura do real*, Jablonka busca trazer as definições e o uso do aparato do ficcional na escrita da história como um desafio para a formulação da prática do historiador (Jablonka, 2017). A caracterização do chamado *terceiro continente* implica na sobreposição entre os dois outros territórios, o da história, marcado pelo senso de objetividade que se estabeleceu fortemente no século XIX e o da literatura, caracterizado por um uso exclusivo de artifícios formais das letras. Ao contrário do sentido de ficção aplicado por White que a considera como intrínseca ao processo narrativo, Jablonka parece operar na lógica de uma ficção que se ativa quando necessário pelo historiador para construir uma narrativa mais acessível e fluída, mas que corresponde à um mecanismo separado da linguagem. Na medida em que o historiador se pergunta sobre determinado passado, formula hipóteses que serão verificadas. Essas hipóteses, para o historiador francês, são um processo de ficcionalização intencional.

Na resenha do historiador Dominick LaCapra, intitulada *O que é história? O que é literatura?*, o estadunidense aponta para as lacunas deixadas por Jablonka em seu texto teórico. Uma delas é justamente a constante tentativa de domesticar o conceito de ficção que tende a excluir o elemento lúdico do pensamento histórico, atribuindo à ficção um

caráter vinculado a um método de escrita (LaCapra, 2023, p. 250) não analisando-o a partir de um debate já existente e considerado no âmbito da literatura e até mesmo da historiografia que considera o tema. Autores como Vaihinger, em *A filosofia do como se*, e Wolfgang Iser, *O fictício de o imaginário*, cujas teses são fundamentais para o debate e poderiam aprofundar a argumentação do historiador francês, não são considerados ao historicizar o conceito de ficção (Turin, 2017, p. 96).

Outro ponto levantado por LaCapra e que consideramos revelador da forma que Jablonka concebe o conceito de ficção é a forma que se desvencilha das teses de White e de outros autores pós-modernos. LaCapra observa que, ao buscar definir o conceito de ficção, Jablonka tende a excluir o elemento lúdico do pensamento histórico, atribuindo à ficção um caráter eminentemente objetivo e vinculado a um método de escrita que atua performativamente sobre o real (LaCapra, 2017, p. 250). Além da inconsistência teórica apontada pelo historiador estadunidense, também percebemos que a construção do conceito de ficção de Jablonka sempre busca se distanciar das teses de Hayden White. Jablonka afirma, em vários momentos ao longo do seu livro teórico, que a proposta de White acaba “reduzindo a história a um puro objeto literário” e enfatiza que a virada linguística tentou arruinar a história, “negando-lhe qualquer capacidade de dizer uma verdade que vá além da ficção” (Jablonka, 2020, p. 143). A crítica e interpretação da obra de White nos mostra que o autor francês, embora reconheça que a história e a literatura compartilham de mecanismos semelhantes em sua escrita, a primeira não pode ser reduzida à noção de ficção atribuída por White.

Dois pontos devem ser mencionados para a análise mais aprofundada desse posicionamento. O primeiro é a recepção de White na França. Segundo Phillippe Carrard, após ser recebido no país à convite da École des Hautes Études en Sciences Sociales, o debate acerca de suas teses tomou proporções que não eram o objeto do historiador estadunidense. Entretanto, o autor percebe haver um movimento historiográfico mais recente que têm lido White a partir de outras perspectivas e considerando os aspectos teóricos importantes para pensar possibilidades outras da escrita da história (Loriga; Revel, 2022). Apesar dessa releitura, a posição de Jablonka como um historiador ativo ainda é surpreendente. Um segundo ponto é que precisamos destacar que Ivan Jablonka possui uma formação teórica tradicional, como apontamos no início desse reflexão, e se anuncia como “filho da Escola dos Annales” (Borges; Gonçalves, 2024). Dessa forma, precisamos considerar que o historiador faz parte de uma geração mais recente da historiografia francesa que busca romper com protocolos negados pela tradição que faz parte, mas que, apesar de oferecer rupturas importantes ao manifestar que a história é uma

literatura, também articula uma série de posicionamentos que neutralizam os riscos dessa abordagem.

Entretanto, Jablonka se aproxima de um debate que se articula no âmbito do romance. Autores como Dominique Viart e Laurente Demanze, constantemente citados por Jablonka, tensionam uma nova abordagem sobre a *literatura contemporânea*. Em uma de suas obras mais conhecidas, *Fins de la littérature: Historicité de la littérature contemporaine*, cujo principal argumento é que precisamos reconhecer que mudanças estão acontecendo e que o status do escritor e da literatura não é mais o mesmo de antes, Viart compreende que não podemos definir o fim da literatura, mas sim uma nova concepção dela (Viart, 2009). Tendo em vista o cenário em que se estabelecem as questões sobre a escrita contemporânea no âmbito da literatura, é preciso chamar atenção para o título do livro manifesto de Ivan Jablonka. Ao afirmar que *a história é uma literatura contemporânea*, o historiador reivindica o mesmo espaço de discussões, considerando o romance como um lugar importante de diálogo da disciplina histórica. Apesar de Jablonka colocar a história como um espaço de produção dentro das grandes ciências sociais, o historiador francês não abre mão dos aspectos que preservam a singularidade da escrita historiográfica.

Nesse sentido, observamos que ao mesmo tempo em que Jablonka se distancia do debate promovido por White na virada linguística, se aproxima de outra face das discussões que ocorrem no âmbito literário. Entretanto, a tentativa de amenizar os riscos de sua abordagem na historiografia francesa, ao se distanciar da polêmica recepção de White, não parece ter sido suficiente para evitar críticas contundentes à recepção de suas próprias obras. Ao propor uma escrita da história que incorpora os recursos da literatura, sem abdicar do rigor metodológico, Jablonka tensiona as fronteiras tradicionais da disciplina, articulando questões entre a objetividade e subjetividade, o documento e testemunho, a ficção e a verdade. Tal proposta não passou despercebida: ao ser laureado com diversos prêmios disciplinares e literários, o historiador se destaca como um dos autores mais prolíferos da historiografia francesa contemporânea e, conseqüentemente, sua elaboração teórica também recebeu bastante atenção. Dessa vez, não pelos prêmios, mas através da academia.

A recepção de Jablonka na França é um paradoxo se observarmos a postura que o historiador francês enfatiza frente às teses de White. Muitos teóricos o acusam de retirar da historiografia aquilo que a distingue dos demais campos de conhecimento: a escrita vinculada aos critérios de verdade (Le Caisne, 2016; Marinat, 2023). É claro que ao observarmos essa característica, identificamos também que o debate a respeito da história

e da literatura na França possui sua singularidade. Os reflexos da discussão promovida por Hayden White é um exemplo de uma recusa à associar os dois polos de escrita. Percebemos, portanto, que críticos apontam para uma insuficiência na abordagem teórica do historiador francês, isso ocorre especialmente porque Jablonka oscila as definições dos termos “história”, “literatura” e “ficção”, como apontado por Élie Haddad e Vincent Meyzié (2015, p. 150). Além das críticas formais a respeito da estrutura da pesquisa realizada por Jablonka, é possível perceber um denominador comum que tece a maior parte da crítica francesa: os riscos de contribuir para o enfraquecimento da autonomia da escrita da história (Haddad; Meyzié, 2015, p. 154).

Os livros de maior alcance, como o de seus avós e *Laetitia*, bem como sua obra teórica, *A história é uma literatura contemporânea*, foram objeto de resenhas e artigos que se interessaram pela abordagem proposta por Ivan Jablonka. Alguns textos o situam como uma importante forma de experimentação literária, inserido em um cenário de articulação entre as fronteiras que possibilitam uma nova abordagem das ciências humanas, rompendo com protocolos de uma escrita que se afasta de um público mais amplo (Demanze, 2017). Entretanto, nos deparamos com críticas contundentes sobre a argumentação de Jablonka e os riscos dessa aproximação entre os dois mundos, o da história e da literatura. A historiadora Monica Martinat, escreve

Parece-me que a destruição da fronteira entre história e literatura pelos historiadores gera uma perda, não um ganho. Perdemos o apreço por uma abordagem crítica que exige uma relação insensível com as fontes, e deixamos de obrigar o leitor a fazer uma interpretação mais intelectual do que empática. A literatura leva-nos, enquanto leitores, para um terreno diferente — um terreno onde a fronteira entre o verdadeiro e o ficcional já não é necessariamente importante, e onde a nossa adesão à narrativa é uma adesão sensível, empática, baseada também no pacto específico que nos liga ao autor. O pacto do historiador com os seus leitores é o de dizer a verdade e de os levar a uma compreensão crítica da construção da interpretação que está necessariamente por detrás da operação histórica (Martinat, 2023, p. 238, tradução nossa)

A historiadora discorda profundamente da proposta de Ivan Jablonka, isso porque considera sua abordagem um verdadeiro risco à disciplina. Embora Jablonka seja enfático ao dizer que nenhuma de suas teorias se desvinculam do real e extrapolam o uso do aparato ficcional em sua narrativa, a interpretação de sua obra e boa parte da recepção francesa afirmam o contrário. O movimento é semelhante àquele que foi gerado em torno de Hayden White, mas em momentos diferentes.

A recepção de suas obras, especialmente daquelas que receberam prêmios literários, também foi alvo de observações. É o caso da resenha publicada no site

Libération, em 2016, denominada *Ivan Jablonka, l'histoire n'est pas une littérature contemporaine!*, na qual Philippe Artières aponta para o lugar de autoridade em que Jablonka se encaixa, sendo premiado por suas obras e compondo o lugar editorial na coleção *La République des idées*, indicando que a obra *Laëtitia ou la fin des hommes*, se insere em um contexto complexo de crise do papel do historiador, o que revela a ampliação do alcance da história escrita por Jablonka (Artières, 2016). Seguindo o mesmo caminho de Martinat, o autor critica a proposta de incorporar ferramentas literárias à escrita da história, buscando torná-la mais acessível, observando que as questões do historiador francês implicam em um risco: ao tentar tornar a história “mais literária”, Jablonka acabaria subordinando a pesquisa histórica a modelos narrativos que vem da ficção contemporânea, o que pode comprometer a especificidade epistemológica da história como ciência.

Não caberia aqui nos aprofundarmos sistematicamente em cada texto que nos indique a recepção de Ivan Jablonka no contexto francês, mas é importante enfatizar que assim como os autores da virada linguística, o historiador enfrenta críticas contundentes daqueles que sequer consideram o aparato linguístico vinculado à escrita da história. Apesar de concordarmos com LaCapra (2023) ao indicar uma imprecisão na teoria formulada por Jablonka sobre o conceito de ficção, compreendemos que o historiador francês tensiona, até o momento da escrita do presente artigo, a articulação de um novo lugar da escrita da história. Não é à toa que seus livros mais conhecidos são amplamente prestigiados e traduzidos, justamente porque revelam a fronteira entre a história e a literatura. Dessa maneira, Ivan Jablonka segue ocupando espaços distintos: o disciplinar e as estantes de um público leigo.

Conclusão

Ao retornarmos à questão central do presente artigo, a definição do conceito de ficção em Hayden White e Ivan Jablonka, podemos perceber que ambos partem de momentos e arcabouços teóricos distintos para a construção desse caminho. Observamos que em White, o conceito de ficção, apesar de estar fragmentado entre suas obras, faz-se intrinsecamente ligado à linguagem e à estrutura narrativa, sendo uma construção inevitável e construtiva da representação histórica. Tal concepção não opera no sentido de inventabilidade do passado, mas a partir de recortes oferecidos pelo próprio ofício do historiador. Em contrapartida, na obra de Jablonka, a ficção adquire um caráter controlado vinculado às escolhas narrativas do historiador que escreve sobre um passado. É por isso

que ao argumentar a respeito da ficção própria para uso dos historiadores, Jablonka formula um método. As ficções do método são uma fórmula, um meio de construção do real que operam a partir da relação híbrida entre liberdade criativa e aspectos metodológicos da disciplina.

Ainda que ocorra uma aproximação entre os autores ao discutirem uma mesma temática, ao longo do artigo observamos que a interseção entre os historiadores se limita a esse aspecto. Isso porque White e Jablonka partem de um cenário e articulam diálogos distintos para definirem o conceito. Enquanto Hayden White é o promotor do debate ocorrido ao final do século XX, dialogando com autores da história e da literatura, Ivan Jablonka articula suas teses se distanciando da virada linguística e as promove a partir de um contexto específico que encontramos na historiografia francesa contemporânea, na qual se insere, em diálogo com a teoria literária. É evidente também que a tentativa de se distanciar cada vez mais do pós-modernismo é um dos elementos reveladores da postura epistêmica de Ivan Jablonka, o que nos permitiu compreender de qual maneira o historiador francês se apropria de outras referências.

O fator paradoxal que envolve essa investigação é observar que, apesar de Jablonka romper com as discussões da virada linguística e criticar veemente a teoria whiteana, a recepção de sua obra também articula críticas semelhantes às direcionadas ao historiador estadunidense. O fato da teoria de Jablonka ser considerada por alguns historiadores franceses um risco para a legitimidade da disciplina histórica evidencia que ainda existem fraturas expostas deixadas aos rastros da virada linguística ao longo do tempo. E, de certa forma, os desafios colocados às formas outras de concepção da escrita da história permanecem em aberto.

Referências

AVELAR, Alexandre de Sá. Hayden White nas páginas de History and Theory. Dois momentos: 1980 e 1998. *ArtCultura*, v.20, n. 37, 2018, p. 37-49.

BORGES, Viviane; GONÇALVES, Janice. Entrevista com Ivan Jablonka. Por uma ciência social criativa. *História (São Paulo)*, v. 43, 2024.

CARRARD, Philippe. Hayden White and/in France: receptions, translations, questions. *Rethinking History*, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 459-472, 2018.

CHARTIER, Roger. Figuras retóricas e representações históricas. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Ed. Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 2002.

DEMANZE, Laurent. Les enquêtes d'Ivan Jablonka. *Les Temps Modernes*, v. 692, n. 1, p. 192-203, 2017.

HADDAD, Élie; MEYZIE, Vincent. La littérature est-elle l'avenir de l'histoire? Histoire, méthode, écriture. *Revue d'histoire moderne & contemporaine*, v. 624, n. 4, p. 132-154, 2015.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

JABLONKA, Ivan. Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus: une enquête. *Paris*: Éditions du Seuil, 2012.

JABLONKA, Ivan. Laëtitia ou la fin des hommes. *Paris*: Seuil, 2016.

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente: Tradução. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 19, n. 35, p. 9-18, 2017.

LACAPRA, Dominick. O que é história? O que é literatura? In: LACAPRA, Dominick. *Compreender outros: povos, animais, passados*. Autêntica Editora, 2023.

LE CAISNE, Léonore. Laëtitia, or the end of scientific inquiry. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, 2016.

MARTINAT, Monica. New Paradigms in French Historiography, or the Same Old Ones?. *Literature*, v. 3, n. 2, p. 231-241, 2023.

Philippe Artières, "Ivan Jablonka: l'histoire n'est pas une littérature contemporaine!" *Libération*, 6 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.liberation.fr>.

RANGEL, Marcelo; ARAUJO, Valdei. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da historiografia*, Ouro Preto, 2015.

TRAVERSO, Enzo. *A escrita da história: entre literatura, memória e justiça*. Revista maracanan, trad. Beatriz de Moraes e Renata Duarte, 2017.

TURIN, Rodrigo. *Ivan Jablonka: subjetividade, ficção e escrita da história*. O futuro da História: da crise à reconstrução de teorias e abordagens, v. 1, 2019.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

WHITE, Hayden. *The Practical Past*. Evanston: Northwestern University Press, 2014.

Artigo recebido em 30/07/2025

Aceito pela publicação em 11/11/2025

Editor(a) responsável: Guilherme Cardinale de Araujo